

Na Introdução do presente Trabalho, foram explicitadas as motivações que nos conduziram para a escolha deste Mestrado e o processo que esteve subjacente ao tema de Dissertação, que agora se conclui.

- O quadro de incertezas conceptuais, relativamente ao construto de empowerment e a sua alocação no campo da Psicologia do Desenvolvimento, remeteu-nos, inicialmente, para uma reflexão sobre o mesmo que teve, como consequência, a inclusão, neste Trabalho, o campo de estudo próprio da Gestão Organizacional e Responsabilidade Social. Esta incorporação, traduziu-se, na nossa perspectiva, num desafio interessante e pertinente, onde a trajectória do conceito afirmou a sua dinâmica e complementaridade na relação sujeito/meio, revelando-se, também, como um processo em si mesmo.

- Também o conceito de des(envolvimento), inspirado na visão emancipadora do sujeito com impacto no meio envolvente (Amaro,1993) e como exercício de libertação das pessoas (Freire,1975); ou ainda como processo de construção dialéctica (sujeito/contexto) (Vygotsky, 1979); ou entendido como o resultado da participação implicada dos sujeitos nos processos de decisão (Friedmann,1996) e (Zimmermann, 1995a), faz parte integrante do presente Trabalho – centrado no Estudo de Caso da Escola Profissional de Moura.

Esta Escola, cujas contextualização e caracterização se desenvolveram, especialmente, no Capítulo II e, em geral, ao longo do Trabalho, assenta num paradigma pedagógico e organizacional que tem o seu foco no desenvolvimento integral dos alunos (através de aprendizagens gerais, científicas, técnicas e tecnológicas), *envolvendo-os* na vida e decisões da própria Escola.

Em concreto, os alunos participam, partilham, apropriam-se e decidem – *envolvendo-se* - quer no contexto escolar imediato, quer nas actividades curriculares e

extra-curriculares que se desenvolvem no seio e em parceria com a comunidade local e com os diversos agentes.

Através deste processo, os alunos, acreditamos, adquirem, para além das competências próprias e específicas da sua área profissional, competências sociais, relacionais e afectivas que podem ser extrapoladas para os diversos contextos (locais, nacionais e outros) onde as suas vidas se desenvolvem ou virão a desenvolver.

O *envolvimento*, *entendido*, assim, como prática pedagógica, atitude social e relacional, na nossa perspectiva, e de acordo com a leitura que fazemos dos resultados deste Trabalho, poderá ser potencialmente *empoderador*, ou promotor de empowerment, e este, reflexivamente, promotor de competências sociais, excelência humanas (Candeias, 2009) e sentido solidário e de responsabilidade social (Jorge, 2006).

Esta metodologia de ensino/aprendizagem terá, concomitantemente, impacto no desenvolvimento local, se tivermos em conta o contributo da Escola no reforço identitário dos alunos e da sua vinculação ao lugar (Sinha, 1995) e (Speller, 2002) e os ensinamentos que nos foram dados através de (Bronfenbrenner, 1999) e (Vygotsky, 2004) entre outros.

Assim, e sem qualquer pretensão de colocar a Escola, objecto do *nosso* estudo de Caso, em linha experimental deste processo – a mesma revelou-se um *palco* excelente e oportuno para este Trabalho. Através das práticas pedagógicas e relacionais já explicitadas, poderemos inferir até que ponto é possível nortear a mesma, efectivamente, para um quadrante criativo, transformador, crítico e promotor do empowerment, com impacto nos alunos e, simultaneamente, nos contextos local/comunitário e/ou outros.

De facto, a Escola, ao admitir alunos oriundos de outros países (Brasil, Guiné/Bissau, S.Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Roménia e Ucrânia), amplia, consequentemente, os seus contextos de intervenção. Por outro lado, a *geografia* do mundo actual, ditada pelas novas tecnologias e comunicação em rede, expõe, oferece e

reinventa , especialmente aos/para os mais jovens, outros contextos e desafios – que este estudo não alcança – mas que deixa, talvez, caminhos para uma reflexão mais profunda.

Depois desta explicação/reflexão introdutórias, importa, agora, apresentarmos, sumariamente: **a) síntese conclusiva dos resultados do nosso Estudo** (que foram, no Capítulo 4) desenvolvidos, analisados e confrontados com os objectivos propostos para o presente Trabalho; **b) dificuldades e limitações do Estudo;** e **c) implicações socio-educativas e culturais do Estudo.**

**a) Síntese conclusiva:**

Procurando sistematizar o que foi o entendimento do empowerment na EPM, através da interpretação do conteúdo das diversas respostas, podemos, em síntese, concluir o seguinte:

- 1) O empowerment é entendido, pela maioria dos entrevistados, como um pilar estruturante do projecto EPM, *dando poder às pessoas, delegando autoridade, responsabilidade e incentivando “à liderança inspiradora, compartilhada e comprometida”* (Zimmerman, 1995, pp.561-580) e, conseqüentemente, contribuindo para a criação de valor do sujeito, enquanto pessoa e enquanto recurso (Jorge, 2007).
- 2) Este processo é incorporado através da promoção de competências, *educativas/formativas, relacionais, afectivas, identitárias e criadoras*, veiculadas num processo pedagógico centrado no desenvolvimento integral dos alunos. Também é orientado para o estímulo de atitudes críticas, participativas, potencialmente transformadoras (Argyris,1996) e criadoras de padrões de excelência (Sternberg, 2008) dos alunos, por um lado, devendo, por outro lado, reclamar-se do sistema educativo a incorporação de “modelos formativos especializados adaptáveis e

flexíveis, capazes de ter sucesso em contextos desafiantes e complexos” Sant`Anna (2008) citado em Candeias et. al., (2009, p.2).

- 3) Com efeito, o conceito de empowerment, não é explicitado nos currículos escolares determinados pelas tutelas de ensino, não sendo, o mesmo, também, incluído nos conteúdos programáticos da própria EPM. Por isso, os alunos só ouviram *esta palavra* no contexto da referida investigação, mas sentem que *têm poder para decidir, que são ouvidos, e que até têm representante na Direcção da Escola*. A não explicitação do conceito, quer em teoria, quer na sua expressão prática no quotidiano da Escola, associa-se à ideia que viemos construindo relativamente ao valor e significado do próprio conceito – fortemente ancorado na ideia de *poder* e na dificuldade de o delegar, de o reconhecer e legitimar, em concreto, (Sen, 2000) e (Romano, 2002).
- 4) Contudo, a Escola, entendida como um todo, afirma-se como uma entidade educadora e aprendente, com impacto nos alunos e no contexto local, sendo reconhecida como *plataforma implicada no desenvolvimento do Concelho de Moura*, especialmente e, também, em contextos mais alargados, por via dos alunos que são naturais de outros países. Neste contexto, a Escola, tem responsabilidades e desafios acrescidos, quer no reforço da(s) identidade(s), vinculação e apropriação do espaço (Vygotsky, 1962), (Graumann, 1983), (Sinha, 1995) e (Soczka, 2005), e na promoção de práticas inter/ multiculturais.
- 5) Concluindo-se, finalmente, através dos contributos teóricos deste Trabalho; das respostas que são dadas ao objectivo geral e objectivos específicos delimitados; e em função dos resultados espelhados que, o *empowerment, se poderá afirmar basilar no processo de desenvolvimento humano e, simultaneamente, no desenvolvimento do local ou locais*.

**b) Dificuldades/limitações do Estudo:**

No decorrer do presente Trabalho, fomos dando conta das dificuldades sentidas, especialmente:

- 1) No processo de descoberta/estudo do conceito de empowerment, por ser recente no universo académico; ser polissémico e, conseqüentemente, estar disperso por diversas áreas de conhecimento; ser ainda pouco estudado, especialmente no campo da Psicologia e por ser, também, um conceito polémico e incompreendido por alguns grupos;
- 2) Na desconstrução/construção de alguns quadros conceptuais, tendo em conta que a área do presente Mestrado (Psicologia) é diferente dos estudos anteriores da autora do Trabalho;
- 3) Na implicação/envolvimento de quem investigou, face ao próprio objecto de estudo/caso - e os cuidados metodológicos e deontológicos acrescidos que, por esta razão, tiveram que ser acautelados;
- 4) Dificuldades sentidas na compatibilização da vida pessoal/profissional/académica;
- 5) Na sensação permanente de uma investigação inacabado e com questões que suscitavam novas questões.

Contudo, estas dificuldades/limitações constituíram, também, um enorme desafio e uma vontade de continuar a explorar esta matéria – que se foi auto-revelando, e desenvolvendo, abrindo novas oportunidades de estudo e de desenvolvimentos – que desejamos se consubstanciem.

c) Implicações ( e inquietações) sócio-educativas e culturais do estudo.

O presente Estudo, apesar da sua natureza e dos seus constrangimentos, teve a virtualidade de nos alertar para a necessidade e pertinência do desenvolvimento da sua temática central, através de áreas/linhas de estudo/investigações distintas, mas talvez complementares, passíveis de maior aprofundamento, que referimos:

(1) Uma, centrada no papel do sistema educativo, enquanto *entidade* tutelar e orientadora das políticas escolares, que legitimasse, de facto, a promoção do empowerment, implicando a desconstrução dos *centros* de poder e de decisão, tal como se configuram na actualidade, através de uma maior autonomia das escolas para a delegação e partilha de poderes, no campo da gestão escolar; e na alteração/adaptação dos currículos escolares, no campo das práticas pedagógicas.

(2) Outra, focalizada nas implicações motivacionais e consequente desempenho escolares e percurso de vida dos alunos, onde a sua participação e decisão foi valorizada e estimulada no seio da escola;

(3) Também, o interesse e aprofundamento/estudo da relação sujeito/ lugar, através das motivações, referências e valores, vínculos afectivos e identitários, e outros, que o fixam ao mesmo, e que o transformam, avaliando de que forma as pessoas se constituem, elas próprias, recursos disponíveis e se *afectam* aos lugares (o que terá interesse para zonas geográficas com particularidades demográficas, especialmente como a do contexto do nosso estudo de caso).

(4) E, finalmente, um estudo de natureza longitudinal que avaliasse os impactos (psicológicos, sociais, económicos e políticos), quer nas pessoas, quer nos contextos envolventes de uma escola promotora do empowerment, ou seja, onde o sistema de relações, de poder e de decisão fossem, de facto, partilhadas, implicadas e responsabilizadas colectiva e democraticamente.

Temos consciência que, esta ambição, talvez desmedida, tem oposições de diversa índole, uma vez que, o poder é, em si mesmo, um campo de tensões e de oportunidades, que reclama uma legitimação externa (Gallbraith, 2007) – onde a *mobilização* colectiva (das pessoas e das organizações), para essa legitimação, encontra nos diversos espaços (político, social, económico, cultural e outros) interesses que nos transcendem, e que não se enquadram nos limites do nosso Trabalho, mas que importa ter em conta e sobre eles reflectir e investigar em estudos posteriores.

Ainda inseridos neste ponto e procurando capitalizar, no seio da Escola, o que se nos foi revelando sobre a mesma ao longo do Trabalho, foram consensualizadas no seio da Direcção da EPM, novas e mais reflectidas práticas pedagógicas, a incluir, objectivamente, no Plano de Melhorias Estratégicas da Organização, com início imediato, das quais referimos duas:

- 1) Adaptação dos conteúdos programáticos dos currículos escolares ao perfil das turmas (perfil e interesses dos alunos/ perfil de saída profissional);
- 2) Adopção de práticas pedagógicas promotoras de uma maior e mais consciente participação dos alunos na vida da Escola e maior implicação destes na definição dos seus percursos (pessoais e sócio - profissionais), reforçando os mecanismos de apoio e aconselhamento do gabinete de orientação e Psicologia.

**Nota final:**

Terminado este Trabalho – que se admite, humildemente, incompleto e em aberto para estudos mais aprofundados, temos a certeza que nos *envolvemos* nele, sentindo cada frase que foi escrita e questionando-as constantemente, durante dias, meses e anos – decalcando, no Trabalho, os ritmos e compassos da própria Escola e o olhar inquieto, rebelde – mas promissor - dos alunos.

